

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (IM) JUAREZ JOHAUDNES ETCHEVERRIA JUNIOR

A INFLUÊNCIA DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS NA INTERVENÇÃO DA
RÚSSIA NA GEÓRGIA EM AGOSTO DE 2008

Rio de Janeiro

2009

CC (IM) JUAREZ JOHAUDNES ETCHEVERRIA JUNIOR

A INFLUÊNCIA DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS NA INTERVENÇÃO DA
RÚSSIA NA GEÓRGIA EM AGOSTO DE 2008

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF ALBERTO DUEK

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2009

RESUMO

Considerado por Silva(2004) como o “Século Sombrio”, o século XX foi assolado por diversos conflitos entre os Estados, que foram originados pelos mais diferentes motivos e ocorreram em vários níveis de intensidade. Nesse período observou-se o surgimento da disciplina de geopolítica, onde se destacaram importantes autores como: Mahan, Mackinder, Haushofer, Spykman e Kennan. As suas teorias buscavam fundamentar as bases que conduziriam ao crescimento do poder do próprio Estado no cenário internacional. Essas teorias foram seguidas e aplicadas pelas principais potências mundiais. Após o fim da II Guerra Mundial (1939-1945), a geopolítica “clássica” entrou em crise por causa da associação de seus pressupostos fundamentais com a identificação dos vencidos: o fascismo italiano, a política expansionista do Japão e especialmente o nazismo alemão. Com o fim da guerra fria, da bipolaridade em 1991 e a emergência dos Estados Unidos da América (EUA) como única superpotência, surgiu a dúvida sobre quem vai dominar o mundo no século XXI e quais teorias norteiam as políticas das grandes potências neste século. Este estudo visa identificar a influência das teorias geopolíticas “clássicas” na intervenção da Rússia na Geórgia em agosto de 2008. Para tal, utilizou-se o método de análise geopolítica a fim de identificar os fatores históricos, políticos, econômicos, étnicos, religiosos, os atores externos e seus interesses geopolíticos presentes na região do Cáucaso. Em nosso estudo, conclui-se que a teoria da “contenção”, aplicada pelos Estados Unidos da América, teve grande influência nesse conflito entre a Rússia e a Geórgia, em agosto de 2008.

Palavras-chave: Teorias Geopolíticas clássicas. Rússia. Geórgia. Teoria da Contenção. Intervenção russa na Geórgia em agosto 2008.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEI	Comunidade de Estados Independentes
EUA	Estados Unidos da América
UE	União Européia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- O mundo segundo Mackinder (1904).....	29
Figura 2	- O mundo de Mackinder (1943).....	30
Figura 3	- O mundo segundo Haushofer.....	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS	8
2.1	Mahan e o poder marítimo	8
2.2	Mackinder e o poder terrestre	9
2.3	Haushofer e as Pan-regiões	10
2.4	Spykman, Kennan e a Teoria da Contenção	11
3	FATORES GEOPOLÍTICOS PRESENTES NA INTERVENÇÃO DA RÚSSIA NA GEÓRGIA EM AGOSTO DE 2008	13
3.1	Forças interiores do sistema	13
3.1.1	Fatores históricos da região.....	13
3.1.2	Fatores políticos da Rússia	14
3.1.3	Fatores econômicos.....	17
3.1.4	Fatores étnicos.....	18
3.1.5	Fatores religiosos.....	19
3.2	Forças exteriores agindo sobre o sistema	20
3.2.1	Atores externos que tem interesses na região.....	20
3.2.2	Interesses geopolíticos na região.....	22
4	CONCLUSÃO	24
	REFERÊNCIAS	27
	ANEXO A – Figura 1	29
	ANEXO B – Figura 2	30
	ANEXO C – Figura 3	31

1 INTRODUÇÃO

A geopolítica nasceu com o jurista sueco Rudolf Kjellén - que pela primeira vez empregou esse termo num ensaio intitulado “As grandes potências”, publicado em 1905 numa revista do seu país (VESENTINI, 2000, p. 15).

No seu início a geopolítica buscou se diferenciar do estudo da geografia, que visa a um conhecimento geográfico e científico sobre o aspecto da realidade espacial, definindo outro objetivo que era de estabelecer bases para que o Estado se fortalecesse no sistema internacional (VESENTINI, 2000, p.16).

Nesse sentido, buscando o crescimento do poder do próprio Estado no cenário mundial surgiram diversas teorias geopolíticas, das quais destacaremos as clássicas e os seus principais autores: Mahan, Mackinder, Haushofer, Spykman e Kennan – que observaram a importância estratégica da posse de determinados territórios, da necessidade de expansão territorial ou controle de espaços, compreendendo rotas marítimas ou áreas geoestratégicas (VESENTINI, 2000, p.16).

Após o fim da II Guerra Mundial (1939-1945), a geopolítica clássica entrou numa crise por causa da associação de seus pressupostos fundamentais com a identificação dos vencidos: o fascismo italiano, a política expansionista do Japão de antes da guerra e especialmente o nazismo alemão. Provavelmente, deve-se a Yves Lacoste e seu grupo na revista *Hérodote*, a retomada do seu estudo. Todavia, deixou-se de abordar as idéias sobre o poder marítimo *versus* o poder terrestre, ou sobre o *heartland*, ou mesmo sobre as condições para um determinado Estado tornar-se potência mundial, e sim, teorias a respeito do embate entre capitalismo e socialismo, da guerra fria e a sua lógica, das perspectivas de uma Terceira Guerra Mundial (VESENTINI, 2000, p.25).

Com a crise no mundo socialista, o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e da bipolaridade em 1991 e a emergência dos Estados Unidos da América (EUA) como única superpotência, surge o questionamento sobre quem vai dominar o mundo no século XXI e quais teorias norteiam as políticas das grandes potências neste século.

Nesse contexto, o propósito deste trabalho é identificar a influência das teorias geopolíticas clássicas na intervenção da Rússia na Geórgia em agosto de 2008.

Para a fundamentação teórica do presente estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, através de técnicas indiretas. Inicialmente serão expostas as principais teorias geopolíticas clássicas, que são: Teoria do Poder Marítimo de Mahan, Teoria

do Poder Terrestre de Mackinder, Teoria das Pan-regiões de Haushofer e a Teoria da contenção de Kennan. Em seguida, serão expostos, de forma sumária, os fatores históricos, políticos, econômicos, étnicos, religiosos e quais são os atores externos e seus interesses geopolíticos na região do Cáucaso, a fim de verificarmos se existe influência das teorias geopolíticas clássicas, nesse conflito que marcou o retorno da Rússia a uma posição de destaque no cenário internacional.

2 AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

No final do século XIX e início do XX houve um grande desenvolvimento das ciências sociais e da ciência geográfica. Nesse cenário, podemos destacar o surgimento da Geopolítica pela sua enorme influência na determinação das políticas das grandes potências. Essa nova disciplina foi assim definida por Ratzel ao dizer que a “Geografia Política era como a fotografia, enquanto a Geopolítica era a cinematografia”. Para Ratzel (1897, *apud* MATTOS, 2002, p. 18), a Geopolítica seria um “produto da interação dinâmica dos fatores: Política, Geografia e História, conduzindo a uma prospectiva dos acontecimentos do Estado”.

Nesse contexto, vamos apresentar as principais teorias geopolíticas clássicas e seus autores.

2.1 Mahan e o poder marítimo

Segundo Tosta (1984, p. 36), “Alfred Thayer Mahan viveu de 1840 a 1914. Nasceu e cresceu na Academia Militar de West Point, onde seu pai era professor de Arte da Guerra e Engenharia Militar, serviu na Marinha dos Estados Unidos de 1856 a 1896”.

Apesar de ser considerado um dos teóricos da geopolítica clássica, juntamente com Kjellén, Mackinder e Haushofer, o almirante norte-americano Mahan nunca usou essa denominação em seus livros, que em grande parte foram publicados antes de Kjellén ter proposto essa nova área de conhecimento. Sua obra mais conhecida foi *The influence of Sea Power upon History*¹, publicada em 1890. Ele foi sem dúvida o nome mais conhecido da estratégia naval, tendo sido instrutor no recém-criado *Naval War College* onde desenvolveu sua teoria sobre o poder marítimo (VESENTINI, 2000, p. 17).

De acordo com Tosta (1984, p. 36), Mahan fundamentou sua doutrina com base em numerosas pesquisas históricas vivenciadas em plena época vitoriana. Por isso, pôde acompanhar os grandes acontecimentos da época, que contribuíram para o crescimento do poderoso Império Britânico.

Mahan verificou, através da sua observação da História, que a posse de alguns pontos estratégicos na América e de Gibraltar, no Mediterrâneo, permitiu a Inglaterra a conquista de um império mundial (TOSTA, 1984, p. 36).

¹ A influência do poder marítimo sobre a história (tradução nossa)

A interpretação da história feita por Mahan, exaltando o poder marítimo como o centro das mudanças, decorreu provavelmente da sua própria atividade como instrutor na Escola de Guerra Naval norte-americana e da tarefa a que se propôs, que era de pensar as condições para o fortalecimento dos EUA no cenário mundial (VESENTINI, 2000, p. 17).

Embasando-se no princípio de que as nações vivem ciclos de crescimento ou decadência, mas nunca permanecem estáticas, Mahan mostrou que o Poder Marítimo tem fundamental importância no destino das nações, sendo indispensável ao seu desenvolvimento, prosperidade e segurança (TOSTA, 1984, p. 39).

De acordo com Tosta (1984, p. 39), Mahan argumentou que a expansão política, econômica e cultural tem constituído o principal fundamento da grandeza nacional de um Estado e que, para apoiar um programa de expansão, o Governo deve ter acesso à riqueza produzida pelo povo. Destacou que a acumulação de riqueza depende de um comércio exterior intenso e crescente e, para isso, é necessária uma grande marinha mercante. E essa exige proteção, que só pode ser dada por uma forte marinha, apoiada em bases estrategicamente situadas pelo mundo. E explicou: “Enquanto uma marinha poderosa é necessária para garantir a segurança da navegação de um país, uma marinha mercante próspera é, ao mesmo tempo, a espinha dorsal de seu poder naval”² (HAROLD e Margaret Sprout, *apud* TOSTA, 1984, p. 39).

2.2 Mackinder e o poder terrestre

Halford John Mackinder nasceu no ano de 1861, em Gainsborough, na Inglaterra, e viveu até 1947 (Tosta, 1984, p. 48). Segundo Tosta:

As concepções geopolíticas de Mackinder fundamentaram-se nos sólidos conhecimentos que possuía de geografia, de história e de política, e estão expostas nos dois famosos trabalhos: *The Geographical Pivot of History* (O Pivô Geográfico da História), divulgado em 1904; e no *Democratic Ideals and Reality* (Ideais Democráticos e Realidade), publicado em 1919 e reeditado integralmente em 1943 (TOSTA, 1984, p. 49).

Mackinder é conhecido como o grande teórico da geopolítica clássica. Para ele, a geografia é o *pivot* (base, sustentáculo) da história. Ele construiu toda uma teoria que busca obter através da geoestratégia, a chave para a hegemonia mundial. É considerado como “o propugnador do poder terrestre”, em oposição a Mahan, que é visto como “o evangelista do poder marítimo”. Mackinder desenvolveu conceitos que foram reproduzidos por praticamente

² Harold e Margaret Sprout in *British Sea Power in the Writings of Captain Alfred Thayer Mahan*.

todos os demais geopolíticos e se tornaram clássicos e que são: *pivot área*, *world island*, anel insular, anel interior ou marginal e, principalmente, *heartland* (VESENTINI, 2000, p. 18).

A teoria de Mackinder cita que os oceanos e mares cobrem cerca de três quartos da superfície terrestre e, nas terras emersas, onde logicamente vivem os povos e existem os Estados, destaca-se o continente conhecido como o “Velho Mundo”, onde ficam a Europa, África e a Ásia, que ocupa cerca de 58% do total dessas terras (64% se excluirmos a Antártida). Mackinder atribuiu importância diferenciada a esses espaços como se eles tivessem um valor intrínseco e permanente para o poderio mundial. Ele chamou de “ilha mundial” (*world island*) esse grande bloco de terras “o Velho Mundo”, onde de acordo com os seus estudos, vive a maior parte da população mundial, ocorreu a maioria das guerras da história da humanidade. Nessa “ilha mundial” haveria uma área central básica, a *pivot área*, que seria uma imensa região central localizada em parte na Europa e em parte na Ásia (**FIG. 1**). No coração dessa *pivot área* existiria a região geoestratégica do planeta, a qual Mackinder denominou de *heartland* (terra-corção), que corresponde aproximadamente ao que chamamos hoje de Europa oriental, cuja posse e controle seria a condição preponderante para se obter a hegemonia mundial (**FIG. 2**) (VESENTINI, 2000, p. 18-19).

2.3 Haushofer e as Pan-regiões

Segundo Vesentini (2000, p. 20) foi Karl Haushofer e a *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica), publicada por ele na Alemanha de 1924 até 1944, que tornou a geopolítica famosa definindo os seus clássicos.

O pensamento geopolítico de Haushofer, publicado em vários livros e inúmeros artigos em jornais e revistas, é uma interpretação e aplicação das teses de Kjellen, Mackinder e Mahan aos interesses da Alemanha. Haushofer elaborou uma divisão do planeta em quatro grandes regiões naturais, que chamou de Pan-regiões, cada uma submetida a um Estado Diretor como podemos visualizar na (**FIG. 3**) e que foram assim discriminadas:

- Pan-América, Estado Diretor: Estados Unidos.
- Eurásia, compreendendo a Europa, Oriente Próximo e África, Estado Diretor: Alemanha.
- Pan-Rússia, compreendendo a Rússia, Irã e Índia, Estado Diretor: Rússia.
- Co-Prosperidade da Grande Ásia, China, Japão, Coreia, Indonésia e Oceania, Estado Diretor: Japão (MATTOS, 2002, p. 23).

Segundo Tosta (1984, p. 64) a atenção de Haushofer e de seus adeptos fixou-se em cinco pontos principais:

- Autarquia;
- *Lebensraum* (Espaço Vital);
- Pan-Regiões;
- Poder Terrestre versus Poder Marítimo; e
- Fronteiras.

Autarquia era, para os geopolíticos alemães, o ideal de auto-suficiência nacional no sentido econômico.

O termo *lebensraum* significava o espaço vital para a Alemanha. Haushofer pensava ser a Geopolítica “uma das armas mais poderosas na luta pela distribuição mais justa dos espaços vitais da terra, uma distribuição baseada antes na capacidade de trabalho e nas realizações culturais dos povos, do que nas ocupações impostas pela força” (TOSTA, 1984, p. 64).

O conceito de Poder Terrestre *versus* Poder Marítimo foi inspirado nas concepções de Mackinder. Observando que a Alemanha, além de ser uma potência terrestre importante, tem fácil acesso ao mar, o que não ocorria com a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Haushofer vislumbrou a Alemanha dominando o *Heartland* em parceria com a União Soviética em uma primeira fase, para depois:

- Numa segunda fase, dominar o “crescente interior” (ilhas britânicas e arquipélago japonês); e
- Numa terceira fase, reforçada pelos poderes marítimos da Inglaterra e do Japão, lançar-se à conquista do “crescente exterior” (Américas, África e Austrália) e, dessa forma, conquistar o mundo (TOSTA, 1984, p. 65).

As *fronteiras*, para Haushofer, são uma situação temporária de uma nação em busca de novas conquistas. Ele entendia que: “as fronteiras são simplesmente a expressão das condições de poder político em um momento considerado” (TOSTA, 1984, p. 71).

2.4 Spykman, Kennan e a Teoria da Contenção

A partir da década de 1940, surgiram vários estudos e livros escritos por acadêmicos e diplomatas divulgando a teoria geopolítica germânica. Tais escritos buscavam atualizar a teoria de Poder Marítimo deixada pelo Almirante Mahan, no fim do século XIX.

Suruiu então uma numerosa safra de escritores como Huntington, Nicholas Spykman, Strauz Hupe, Hans Weigert, George Kennan, Walter Lippmann e outros. Destes, renovaram o pensamento geopolítico norte-americano: Nicholas Spykman e George Kennan. Spykman contestou o conceito aplicado nos meios políticos e diplomáticos dos EUA de que, cercados por dois oceanos e tendo nas suas fronteiras terrestres dois países vizinhos fracos, os Estados Unidos da América poderiam se sentir em segurança. Defendeu o conceito geopolítico de que a posição geográfica não representava por si só uma proteção estratégica, e que esta tinha que se basear no equilíbrio de poder, assegurado pela aliança com países amigos.

Kennan, interpretando este conceito de equilíbrio de poder e de alianças criado por Spykman, concebeu uma teoria norte-americana para se contrapor à concepção de Poder Mundial de Mackinder, adotada pelos alemães. A chamada *Containment Theory*³, lançada por ele em 1947, norteou a diplomacia norte-americana durante toda a Guerra Fria. Esta teoria se baseia numa oposição ao conceito de Poder Mundial de Mackinder, adotado por Moscou, na qual quem dominar o *heartland* dominará o planeta.

O *Containment* de Kennan poderia, em termos geopolíticos, ser expresso como “quem dominar as regiões costeiras da grande ilha eurasiática, a “ilha mundial”, dominará o *heartland*. Desse conceito, originou a teoria da estratégia de contenção de Truman e as variadas ações diplomáticas e militares de valorização estratégica das chamadas *fringe áreas* (região costeira da eurásia), que resultaram na participação dos Estados Unidos no Pacto do Atlântico, na pressão diplomático-militar sobre a Grécia e Turquia, no engajamento militar nas guerras da Coreia e Vietnã, no Tratado do Sudeste Asiático e em outras iniciativas de menor vulto (MATTOS, 2002, p.23-24).

Conclui-se que a chave para se obter a hegemonia mundial para Mahan, era ter um grande poder naval, para Mackinder, era controlar o *heartland*, para Haushofer, era o controle do *heartland* combinado com a posse de um grande poder naval e para Kennan, era a aplicação da teoria da contenção.

³ Teoria da contenção (tradução nossa)

3 FATORES GEOPOLÍTICOS PRESENTES NA INTERVENÇÃO DA RÚSSIA NA GEÓRGIA EM AGOSTO DE 2008

Após uma longa ausência do cenário internacional o “Exército Vermelho” voltou a chamar a atenção do mundo. Apesar de algumas falhas apontadas, o desempenho da tropa russa veio juntar-se a outros sinais de que, após um longo declínio, a capacidade militar russa merece de novo respeito e que o longo esforço de reforma e reequipamento das Forças Armadas russas começa a produzir resultados (PEREIRA, 2009, p. 8).

Para identificar se existe influência das teorias geopolíticas clássicas nessa intervenção, faremos uma abordagem utilizando-se o método de análise geopolítica, a fim de verificar as forças internas e externas que agiram sobre esse sistema, que culminou nesse violento conflito. Nesse sentido, vamos expor abaixo os fatores históricos, políticos, econômicos, étnicos, religiosos e quais são os atores externos e seus interesses geopolíticos nessa região.

3.1 Forças interiores do sistema

Após dezoito anos da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o relacionamento da Rússia com as repúblicas ex-integrantes da superpotência ainda não está bem resolvido. Disputas geopolíticas, a diversidade de etnias e questionamentos sobre demarcação de fronteiras, expõem a fragilidade da separação ainda recente das 15 ex-repúblicas comunistas. Nos países da Ásia Central, onde sobram poucas marcas do passado “Stalinista”, a presença russa continua significativa. Entretanto, nos países bálticos (Letônia, Estônia e Lituânia), Ucrânia e Geórgia, os atritos mostram-se cada vez mais graves. No dia 8 de agosto de 2008, milhares de soldados russos entraram na Geórgia e esmagaram a tentativa georgiana de retomar pela força a república separatista da Ossétia do Sul (região de maioria russa, que acabou ficando com a vizinha após o fim da URSS). A Geórgia tentou buscar apoio no Ocidente e a Rússia em contrapartida reconheceu a independência da Ossétia do Sul e da Abcázia (OSWALD, 2009, p. 36).

3.1.1 Fatores históricos da região

O interesse russo na região do Cáucaso vem de longa data, desde a vitória de

Pedro, o Grande, no início do século XVIII, sobre os persas, os czares voltaram sua atenção para a região, pois achavam que poderiam pacificar as contendas entre os grupos étnicos locais e abrir portas para as prósperas rotas comerciais do Oriente. Esta dominação continuou na segunda metade daquele século com a czarina Catarina, quando tropas russas firmaram presença no Cáucaso, porém não dobraram os joelhos dos povos caucasianos (SILVEIRA, 2005, p. 100).

A região do Cáucaso é caracterizada por rivalidades tribais exacerbadas, profundas diferenças religiosas que colocam em campos opostos cristãos e muçulmanos xiitas e sunitas. Tudo isso, levava a região a viver um caos histórico e não resolvido que permanece até os dias atuais, fazendo com que a Rússia tentasse ocupar espaços estratégicos nas montanhas e nos vales dessa região (SILVEIRA, 2005, p.99). Conforme disse Silveira (2005, p. 100):

O domínio russo, na verdade, veio efetivamente a render frutos mais tarde, já no século XIX, quando da descoberta de prodigiosos lençóis petrolíferos perto de Baku, no atual Azerbaijão. Foi essa riqueza que atraiu os interesses alemães na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando divisões Panzer nazistas invadiram a Chechênia, em 1942, erguendo sua bandeira no alto do Monte Elbrus, ponto culminante da cordilheira caucasiana. As povoações locais receberam bem a intervenção alemã, ávidas pela libertação do jugo russo, atitude essa que os russos não perdoariam. Após derrotarem os nazistas na batalha de Stalingrado e os expulsarem da URSS, restabeleceram os russos o controle da região, que passou a existir sob as rédeas do comunismo soviético e, mais recentemente, da Rússia Federativa (SILVEIRA, 2005, p.100).

De acordo com Magnoli (2008) muito antes da constituição da URSS, a Rússia estabeleceu uma fronteira imaginária de segurança que se situa além de sua fronteira política. Ao longo de séculos, as Forças Armadas russas estabeleceram-se no interior desse “cinturão” estratégico formado por essas duas fronteiras. Na Europa, a construção desse "cinturão" se deve a Pedro I, entre 1689 e 1725, com a conquista de Kiev e do Vale do Dnieper, na Ucrânia e Belarus respectivamente. Na segunda metade do século XVIII, Catarina II alargou-o, conquistando a Criméia turca e a Lituânia polonesa. No início do século seguinte seriam conquistados o Cáucaso e a Ásia Central muçulmana.

3.1.2 Fatores políticos da Rússia

Para Magnoli (2008) a Comunidade de Estados Independentes (CEI) foi criada para manter a presença perene de uma fronteira estratégica de segurança do território da Rússia. Em face disso, os russos sentiram-se ameaçados com a decisão do então presidente

Bill Clinton de incorporar à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) os países do antigo bloco soviético e os Estados Bálticos, com a intervenção da OTAN na Sérvia e com a instalação de um escudo antimísseis na Polônia e na República Tcheca. Entretanto, nada disso equivale a avançar sobre o "Exterior Próximo", que é como o Kremlin denomina o "cinturão" de Repúblicas da Comunidade de Estados Independentes.

A crise na Geórgia foi anunciada com antecedência. Em 2004 a revolução rosa colocou no poder em Tbilissi, o presidente Mikheil Saakashvili com a promessa aos georgianos da recuperação da soberania sobre as regiões separatistas da Ossétia do Sul e da Abkházia (PEREIRA, 2009, p. 2).

A questão da reorganização das Forças Armadas russas vem se arrastando desde 1991 e sua necessidade ficou em evidência por ocasião da intervenção na Chechênia em 1994-1996. Na área de pessoal, o exército russo passa por fase de grande dificuldade de recrutamento, principalmente para o posto de sargento. A carreira militar que era muito prestigiada na época da antiga URSS, hoje não atrai mais aos jovens, mesmo depois de vários aumentos concedidos pelo presidente Vladimir Putin, os salários continuam muitos baixos. Dados das últimas incorporações mostram que estão sendo recrutados os menos preparados, como os menos aptos fisicamente, com menor escolaridade, os desempregados, os alcoólatras ou drogados. A população russa está decrescendo a uma taxa de quase 0,6% ao ano e a taxa de natalidade é tão baixa que está inviabilizando a manutenção dos níveis do efetivo atual das Forças Armadas (PEREIRA, 2009, p. 9).

Segundo Pereira (2009, p.9) está sendo adotada a solução dos *kontraktniki*, voluntários que cumprem serviço por contrato de três anos, esta experiência foi iniciada nos anos 1990 ainda no governo de Boris Ieltsin. Entretanto, os salários e as condições de vida oferecidas aos *kontratniki* não são suficientemente capazes para atrair e manter esses militares. Além disso, a qualidade e disciplina desses contratados deixa muito a desejar. Calcula-se que um terço dos *kontratniki* enviados para a Chechênia abandonaram as fileiras no meio do combate.

A atual política russa está buscando o reconhecimento internacional através de ações de projeção estratégica como a volta dos navios de guerra russos aos oceanos, a retomada das patrulhas aéreas estratégicas sobre os céus do Atlântico e do Pacífico, descontinuadas desde 1992, e a visita do Presidente Dmitri Medvedev por vários países da América Latina, em Novembro de 2008, acompanhada da presença do cruzador Pedro "o Grande" e do contratorpedeiro Almirante Tchabernenko (PEREIRA, 2009, p. 12).

De acordo com Pereira (2009, p. 12) para os analistas do Pentágono e do Departamento de Estado norte-americano, o alcance dessas ações são muito limitadas. Essas iniciativas citadas acima demonstram os esforços do Kremlin para reassumir, mesmo que a nível simbólico, uma projeção de grande potência mundial, capaz de desafiar a hegemonia norte-americana no Mundo.

Estes esforços de projeção estratégica empreendidos por Moscou, não esconderam as vulnerabilidades de fundo econômico, que a atual crise financeira mundial trouxe. O efeito da crise financeira e econômica mundial, no final de 2008, e as conseqüências da crise georgiana em conjunto com a queda do preço do petróleo atingiram severamente a Rússia. As reservas monetárias russas encolheram de um quarto desde agosto de 2008 e o rublo perdeu 19 por cento do seu valor em relação ao dólar. Hoje, fortemente dependente de fatores como a oscilação do preço do petróleo no mercado internacional e do investimento estrangeiro, a economia russa é particularmente vulnerável num cenário de recessão mundial (PEREIRA, 2009, p. 12).

O êxito militar na Geórgia terá um alto custo político para a Rússia, podendo levá-la a um isolamento no cenário internacional, com o retrocesso dos seus avanços diplomáticos dos últimos anos e acarretando um relacionamento cada vez mais tenso com os vizinhos da CEI (PEREIRA, 2009, p.14).

Putin, Medvedev e seus pares estão conscientes de que não dispõem de meios militares para se impor contra a opinião pública internacional como no passado. Em face disso, a Rússia cumpriu rigorosamente o prazo acordado com a União Européia e a OTAN, para a retirada das suas forças da Geórgia em 8 de Outubro de 2008.

Após ter absorvido o primeiro impacto do conflito com a Geórgia e das reações do Ocidente, Moscou tem feito um jogo alternando atitudes de intransigência e gestos de apaziguamento. Em uma cartada desse jogo, o presidente Medvedev declarou lamentar que a Rússia foi “empurrada” a um confronto que ela não desejava (PEREIRA, 2009, p.14).

Analisando o fator político, verificou-se a influência da teoria de Mackinder e de Haushofer nos esforços da Rússia em manter sobre o seu controle os Estados da CEI, apesar das suas grandes deficiências internas na área militar e financeira, e também, verificamos a influência da teoria de Mahan com a volta da presença dos navios de guerra russos aos oceanos Atlântico e Mediterrâneo principalmente.

3.1.3 Fatores econômicos

De acordo com Silva (2004, p. 296) Mikhail Gorbachev, após assumir a função de secretário-geral em 1985, chamou a atenção da mídia internacional por sua predisposição ao diálogo e sua proposta de diminuição de 50% das armas estratégicas e eliminação de armas nucleares. Após uma fase de questionamentos, os analistas internacionais perceberam que os gastos militares estavam minando a economia soviética. Apesar do programa da Perestroika⁴ o colapso da União Soviética em 1991 foi inevitável.

Para Judt (2007, p.680-681) a chegada do capitalismo no mundo pós-comunista do leste Europeu, ocorrido no período pós-1989, foi marcado por uma liquidação do patrimônio público sem precedentes na história daqueles países. A onda de privatizações ocorrida nos Estados Ocidentais, a partir do final dos anos 70, foi copiada pelos países do leste Europeu, porém, o capitalismo construído pelo mundo Ocidental ao longo de quatro séculos foi acompanhado de leis, instituições, regulamentações e práticas das quais o sistema dependia totalmente para funcionar com legitimidade. Entretanto, esse arcabouço jurídico e de instituições não existiam nos países pós-comunistas e foi perigosamente subestimado por inexperientes defensores do livre-mercado. O resultado disso foi uma privatização descontrolada, onde o patrimônio e os órgãos públicos foram desmantelados e divididos entre funcionários aproveitadores. Como disse Judt:

Descaradamente, na Rússia sob o comando de Boris Ieltsin e amigos, a economia do período pós-transição ficou nas mãos de um pequeno número de homens que enriqueceram de modo extraordinário – já em 2004, 36 bilionários russos (oligarcas) tinham capturado cerca de 110 bilhões de dólares, a quarta parte do produto Interno Bruto. As distinções entre privatização, suborno e roubo praticamente desapareceram: havia muito que roubar – petróleo, gás, minério, metais preciosos, oleodutos -, e ninguém que impedisse o roubo (JUDT, 2007, p. 681).

Em face disso, os europeus das ex-repúblicas comunistas têm competido em condições bastante desiguais, carecendo de capital local e dependentes dos mercados internacionais, sobrevivem das exportações de gêneros alimentícios ou matérias-primas com baixa margem de lucro ou bens industriais e de consumo com preços subsidiados a custo de baixos salários (JUDT, 2007, p.682).

A crise econômica mundial em 2008 afetou a Rússia de tal forma, que obrigou

⁴ Programa de reformas que buscava colocar novamente as coisas em construção, ou, simplesmente, reconstruir/reestruturar (SILVA, 2004, P. 296-297).

Vladimir Putin a vir em público em 20 de novembro deste ano, para prometer aos russos que tudo seria feito para evitar uma nova derrocada financeira como as que traumatizaram o país em 1991, no colapso da URSS, e em 1998 na crise econômica russa (PEREIRA, 2009, p. 13).

Atualmente, a Rússia carece de investimentos e sofre com a fuga de capitais e cérebros, com infra-estrutura obsoleta e com um enorme atraso tecnológico em relação aos demais países industrializados. Nesse ritmo, os níveis de produção de petróleo e gás poderão estar em risco se as infra-estruturas não forem modernizadas (PEREIRA, 2009, p. 13).

Segundo Silveira (2005, p. 103) a região do Cáucaso possui importantes jazidas de petróleo e gás natural, fontes energéticas cruciais para a Rússia, que não abre mão do seu controle, bem como também, das águas e vias de comunicação. Para ilustrar esse ponto, o Daguestão abriga o único porto russo expressivo no Mar Cáspio que é utilizável o ano inteiro e, através, da Chechênia passam importantes oleodutos e gasodutos para escoar o petróleo do Azerbaijão para o Mar Negro.

Conclui-se que após o colapso da URSS, o processo de transição do comunismo para o capitalismo, desestruturou o parque industrial e o mercado consumidor da Rússia. Um processo de privatizações sem regras e instituições fortes, cercado de corrupção, levou a uma grande concentração de renda na mão de poucos felizardos. Em face disso, atualmente a Rússia é extremamente dependente da exportação de matérias-primas e do mercado internacional, em especial do petróleo e gás, que passaram a ser o principal sustentáculo do seu Produto Interno Bruto (PIB) e um imprescindível recurso geopolítico.

3.1.4 Fatores étnicos

Do ponto de vista étnico, lingüístico e cultural, o quadro é complexo e heterogêneo. Há uma verdadeira “Babel” de idiomas, com destaque para os grupos idiomáticos caucásicos, dentre eles os que falam o georgiano. Além desses, há as línguas de origem européia, como o armênio, e outras locais, como a falada no Azerbaijão. São mais de 40 idiomas e variantes, em adição ao russo, que se impôs na região nos dois últimos séculos. Não é sem motivo que historiadores árabes referem-se a região como *Jabal al-Asine*, ou “Montanha das Línguas” (SILVEIRA, 2005, p. 102).

As condições de vida na Rússia melhoraram nos últimos anos, contudo, a sociedade russa ainda continua com uma pobreza endêmica (mais de um terço da população, segundo as estatísticas oficiais) e as desigualdades aumentam cada vez mais, com a implantação da economia de mercado e o fim das proteções sociais. Este quadro levou ao surgimento de manifestações da camada mais pobre da população, sobretudo a partir de 2005. Mas, o grande desafio para a Rússia será solucionar a grave crise demográfica que o país

enfrenta. “Segundo as Nações Unidas, a população russa poderá diminuir de 142 milhões de habitantes em 2002, para algo entre 120 a 135 milhões em 2025 e para menos de 100 milhões em 2050” (PEREIRA, 2009, p. 13).

Esta crise demográfica coloca uma série de problemas, desde questões de ordem econômica até a alteração dos equilíbrios étnicos dentro do país, com reflexos na área de defesa. A situação é alarmante em algumas áreas específicas. A diminuição da taxa de natalidade e a emigração estão provocando um rápido declínio da população russa, que encolheu 18 por cento entre 1990 e 2004, ao mesmo tempo, ocorreu uma forte imigração chinesa para a região. Dado o potencial econômico e estratégico desta, e tendo em conta as reivindicações históricas da China sobre a mesma. Moscou teme que a China passe a ter uma influência dominante na área (PEREIRA, 2009, p. 13).

Entretanto, é no Cáucaso e na bacia do Volga que o problema é mais grave, em virtude da desproporção crescente nas taxas de nascimento das populações eslavas e muçulmanas. Os mais pessimistas alertam que os muçulmanos poderão tornar-se maioria a partir de 2050 (PEREIRA, 2009, p. 13).

Conclui-se que a região do Cáucaso possui grande diversidade étnica, com mais de 40 línguas e dialetos diferentes além do idioma russo. A Rússia está com um grande problema a resolver, que é a sua acentuada redução demográfica. Na região do Cáucaso vivem grande número de russos. Observa-se aqui, a influência das teorias de Haushofer sobre as fronteiras e o espaço vital.

3.1.5 Fatores religiosos

Na região do Cáucaso coexistem dois principais grupos religiosos: os cristãos e os muçulmanos, que disputam uma população de cerca de 25 milhões de habitantes que vivem numa área com montanhas, planícies e vales estendendo-se por mais de 1.200 quilômetros, entre os mares Negro e Cáspio, apresentando um contraste de civilizações, abrigando de um lado os povos eslavos cristianizados (populações de origem russa) e de outro, nações islâmicas formadas por cerca de 20 povos, destacando-se os chechenos, os azerbaijanos e os ingushes dentre os nove maiores grupos étnicos, podendo-se mencionar ainda os ossetianos, os bats, os circassianos e muitos outros povos (SILVEIRA, 2005, p. 101).

Segundo Huntington (1994, *apud*, VESENTINI, 2000):

A fonte fundamental de conflito nesse novo mundo não será essencialmente

ideológica nem econômica. As grandes divisões na humanidade e a fonte predominante de conflito serão de ordem cultural. Os Estados continuarão a ser os agentes mais poderosos nos acontecimentos globais, mas os principais conflitos ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações. O choque de civilizações dominará a política global. As linhas de cisão entre as civilizações serão as linhas de batalha do futuro. [...] O que importa de fato para as pessoas, afirma Huntington, é a família, a fé, as crenças – “por cultura é que se morre”- e, assim sendo, o choque de civilizações seria a abordagem que melhor explicaria os conflitos mundiais dos anos 1990 e do século XXI.

Moscou tem permitido a líderes locais a promoção de liberdades religiosas, mesmo assim, a questão islâmica é muito preocupante no Cáucaso. A ação crescente de grupos radicais islâmicos, principalmente ao norte do Cáucaso e particularmente entre os jovens, junta-se a uma grave crise social, dando origem a protestos populares contra a violência, corrupção e más condições econômicas. Tudo isso obriga a Rússia a um estado de alerta permanente e a manter uma forte presença militar e policial na região com cerca de 80 mil homens (PEREIRA, 2009, p. 14).

Conclui-se que a questão religiosa é muito preocupante no Cáucaso, onde coexistem cristãos e muçulmanos, levando a choques fatais, como disse Huntington. Constatam-se aqui influências de Haushofer com os cristãos russos garantindo a sua presença na região devido a sua superioridade bélica nos dois séculos passados.

3.2 Forças exteriores agindo sobre o sistema

Será buscada nesse tópico a identificação de quem são os atores do sistema internacional que atuam na região do Cáucaso e quais são os seus interesses geopolíticos.

3.2.1 Atores externos que tem interesses na região

A região do Mar Cáspio conta com mais de 42 bilhões de barris de petróleo de reservas provadas e estima-se que podem existir 200 bilhões de barris, fazendo com que passe a ser a segunda maior fonte de reservas do mundo, perdendo apenas para o Golfo Pérsico. Doze das maiores empresas de petróleo do mundo já estão investindo pesado na região e os interesses monetários e políticos estão fazendo todos os países em volta do Mar Cáspio “ferver”. O problema maior da região é como escoar o petróleo e o gás para os mercados nos países de grande consumo, mas, antes de avaliar as diferentes possibilidades de escoamento, é necessário resolver a situação legal de propriedade das reservas (FOSTER, 1999, p. 20).

A maneira mais prática de se escoar o petróleo e o gás do Mar Cáspio é através do Irã. A segunda rota mais prática é através da Rússia. No entanto, passar dutos pelo território iraniano continua sendo uma opção inaceitável para praticamente todos os outros países. Além

dos embargos e riscos políticos bem claros, não se pode esquecer que o Irã é um concorrente aos outros países. Por esses motivos, acredita-se ser muito difícil a passagem de quantidades significativas de petróleo da região do Mar Cáspio pelo Irã. O uso da Rússia para escoar o petróleo também não seria uma opção aceitável pelos Estados Unidos. Para solução desse problema estudam-se cinco rotas de escoamento do petróleo, através de oleodutos, que estão em disputa pelos países do Cáucaso (FOSTER, 1999, p. 22).

As elites da Rússia no início da década 1990 gostaram da aproximação com a Europa, entretanto, logo retornaram a uma atitude de distanciamento, em virtude dos processos de ampliação da OTAN e da União Européia (UE) às repúblicas ex-integrantes da extinta URSS. Tal atitude provocou o agravamento dos problemas de relacionamento entre a Rússia e a Europa. Este problema estará no centro de vários contenciosos da Europa com Moscou (PEREIRA, 2009, p. 7).

O projeto de instalação na Europa Central de um escudo antimísseis, capaz de imunizar a América do Norte e seus aliados contra um ataque nuclear, criaram um novo contencioso nas relações entre Washington e Moscou (PEREIRA, 2009, p. 11).

Os EUA alegam que o sistema é crucial para a defesa do país e dos seus aliados na Europa, não se destinando a afrontar a Rússia, mas a prevenir um eventual disparo nuclear da Coreia do Norte ou do Irã. Os estrategistas do Kremlin alegam que o sistema visa anular o arsenal estratégico russo e insistem que o “escudo” pode ser transformado numa plataforma ofensiva. Para Moscou, a escolha da Polônia e da República Tcheca faz parte da manobra de cerco à Rússia, com o pretexto insustentável da ameaça iraniana (Pereira, 2009, p. 11).

O apoio de Washington ao presidente georgiano dividiu os aliados europeus. E as expectativas de franceses e alemães, que preferem claramente evitar confrontar a Rússia, viram-se confirmadas pela aventura militar lançada pelo presidente Saakashvili na Ossétia do Sul (PEREIRA, 2009, p. 15). Como disse Pereira:

Anatol Lieven sublinhou no *Financial Times* que o Ocidente: “não deve fazer promessas que não pode nem quer cumprir, empurrando os outros para frente”. E o conservador Bruce Anderson, colunista do *Independent*. O analista sublinha ainda que “a questão da OTAN incentivou o aventureirismo georgiano e os russos concluíram que era hora de dar, aos georgianos e ao Ocidente, uma lição” (PEREIRA, 2009, p. 15).

Nesse contexto, este autor conclui que os Estados Unidos e a Europa têm grande interesse geopolítico e econômico na região, para que esta se torne uma grande fornecedora de energia garantindo um fluxo contínuo de petróleo e gás, reduzindo a perigosa dependência da região do Golfo Pérsico, além disso, percebemos a aplicação da teoria da contenção pelos

Estados Unidos, nas ações para instalação de um escudo antimíssil na Europa Central, na busca de ampliação da OTAN aos países da CEI e no apoio ao presidente georgiano.

3.2.2 Interesses geopolíticos na região

Os maiores jogos políticos na região do Cáucaso estão sendo travados entre os EUA e a Rússia. Onde a Rússia busca o controle do potencial econômico e político de toda a região em volta do Mar Cáspio, podendo assim, controlar uma parte significativa do abastecimento energético da Europa (FOSTER, 1999, p. 22).

Os Estados Unidos da América têm planos mais abrangentes que Moscou, onde consideram o escoamento do petróleo e gás da região como uma maneira de controlar, em certa medida, os países numa área que vai da Rússia ao Irã chegando até a China (FOSTER, 1999, p.22).

Segundo Foster (1999, p.22), os EUA elaboraram um plano chamado “Estrada da Seda”. Este plano, que foi regulamentado em 1997 no *Silk Road Strategy Act*⁵, prevê a criação de um corredor leste-oeste de energia, transportes, comunicações e comércio. Este corredor passaria pela Geórgia, Azerbaijão, mar Cáspio e pelo Turcomenistão. Seria um “cinturão” geopolítico que separaria uma Rússia instável de um Oriente fundamentalista. Teria a vantagem adicional de reforçar os laços de amizade entre os países interligados pela “Estrada da Seda” e de conter as tentativas do Irã de difundir o sentimento anti-Estados Unidos na região. Julga-se que esta solução seria apoiada pela Europa (FOSTER, 1999, p.22). Como disse Pereira:

O recurso à arma energética, que tantos alarmes provocou no Ocidente, inscreve-se na mesma reação àquilo que o Kremlin percebe como uma manobra de cerco do Ocidente e à política de “contenção” da potência russa posta em prática pelos EUA desde 1991. O petróleo e o gás representam com efeito para a Rússia um recurso vital rendendo de algum modo o papel que o poderio militar desempenhava no status de superpotência da antiga URSS (PEREIRA, 2009, p. 7).

Os recursos energéticos da Ásia Central e do mar Cáspio, e a escolha das rotas de escoamento para os mercados internacionais, desencadearam uma acirrada disputa geopolítica. É o novo “Grande Jogo” em torno do petróleo e do gás e, ao mesmo tempo, do controle estratégico do coração do continente eurasiático, onde se confrontam a Rússia, os Estados Unidos da América, a China, o Irã e a Europa (PEREIRA, 2009, p. 7). De acordo com

⁵ Plano dos EUA de assistência à independência econômica e política dos países do sul do Cáucaso e da Ásia Central (Grifo nosso)

Silva(2007):

Os Estados Unidos perceberam, ao fim da URSS, o espaço centro-europeu e caucasiano, como áreas-pivô para a contenção da Rússia na sua mais frágil posição geoestratégica depois de 1815. Assim, a identificação da Bósnia, Kosovo, Bulgária, Geórgia e Azerbaijão como pivô da contenção russa é à base das atuais projeções do poder americano na parte ocidental da Eurásia. O “aferrolhar” as saídas balcânicas da Rússia – com o controle das rotas de oleodutos vindos da região do Mar Cáspio/Cáucaso –, imporia um recolhimento permanente da Rússia em direção ao Oriente, onde ficaria isolada em face do poder emergente da China Popular. A Rússia, por sua vez, percebe a expansão da OTAN, bem como da U.E., em direção ao espaço estratégico pós-soviético – o que Moscou denomina de “Exterior Próximo” – muito especialmente os Países Bálticos e os países do Cáucaso – em especial Geórgia e Azerbaijão – como uma ameaça a qualquer possibilidade da Rússia voltar a desempenhar um papel como potência transregional e, mesmo, mundial (SILVA, 2007, *apud* SCHUSTER e CHAVES, 2008).

Pode-se então concluir que as ricas reservas petrolíferas da região do Mar Cáspio dispararam uma acirrada disputa geopolítica entre a Rússia e os Estados Unidos da América. Percebe-se nessa disputa, a aplicação da teoria da contenção norte-americana buscando limitar o crescimento e a volta do poder russo a condição de superpotência mundial.

4 CONCLUSÃO

Dezoito anos após a dissolução da URSS, a Rússia voltou a chamar a atenção do mundo com uma violenta demonstração de força do seu “Exército Vermelho”, que estava desacreditado, após um período de declínio ocorrido a partir de 1991.

No dia 8 de agosto de 2008, após a invasão da Ossétia do Sul pela Geórgia, a Rússia promoveu uma rápida e arrasadora intervenção nesse país, mostrando à comunidade internacional que a sua capacidade militar merece de novo respeito, após um longo esforço de reforma e reequipagem das Forças Armadas, iniciado ainda sob a gestão do presidente Putin.

A intervenção da Rússia na Geórgia mostrou que a sua relação com as ex-repúblicas integrantes da URSS, ainda parece longe de estar bem resolvida.

Na busca da compreensão da conjuntura desse conflito, estudou-se pelo método de análise geopolítica, os principais aspectos que o influenciaram.

Os fatores históricos mostram que o interesse russo pela região do Cáucaso vem desde o início do século XVIII, quando o Czar Pedro, “o Grande”, venceu os persas buscando com isso abrir portas para as prósperas rotas comerciais do Oriente. A região vive num caos histórico com profundas diferenças étnicas e religiosas, colocando em campos opostos cristãos e muçulmanos. A Rússia aproveitou-se desse caos, para ocupar espaços estratégicos ampliando a sua fronteira política, estabelecendo um “cinturão” de segurança no seu entorno, através da criação de uma fronteira imaginária não identificada nos mapas políticos.

Os fatores políticos mostram que a CEI é considerada uma fronteira estratégica de segurança do território russo. A Rússia vê como uma ameaça a política norte americana de ampliação da OTAN, incorporando os países do antigo bloco soviético, e o projeto de instalação do escudo antimíssil na Polônia e na República Tcheca. A crise na Geórgia foi anunciada com antecedência, quando em 2004 a revolução rosa colocou no poder em Tbilissi, o presidente Mikheil Saakashvili com a promessa aos georgianos da recuperação da soberania sobre as regiões separatistas da Ossétia do Sul e da Abkházia.

Após a dissolução da URSS o “Exército Vermelho” entrou em uma fase de longo declínio, perdendo o seu status interno e externamente. Na área interna, isso se refletiu no difícil problema para captação de pessoal, que resultou na obtenção de militares com baixa aptidão para o serviço e na solução dos *kontraktniki*, voluntários que cumprem serviço por contrato de três anos, mas que em termos de qualidade e disciplina deixam muito a desejar.

A atual política russa está buscando o reconhecimento internacional através de

ações de projeção estratégica, com ação de presença de suas forças armadas que haviam sido descontinuadas desde 1992 e a aproximação com outros países do sistema internacional.

A intervenção da Rússia na Geórgia terá um alto custo, implicando num retrocesso dos seus avanços diplomáticos dos últimos anos, contribuindo para um relacionamento cada vez mais tenso com os vizinhos da CEI.

Os fatores econômicos mostram que os gastos militares da guerra fria (1945-1991) arruinaram a economia da URSS. O processo de implantação do capitalismo na Rússia, após 1991, foi marcado por uma onda de privatizações que distribuiu o patrimônio público nas mãos de poucos funcionários ligados a alta cúpula do governo, deixando uma população pobre e com baixos salários. A economia russa ficou extremamente dependente do mercado internacional, exportando principalmente alimentos e matérias-primas como o petróleo e gás. Nesse contexto, o petróleo é de fundamental importância para a reestruturação econômica da Rússia.

Os fatores étnicos mostram que o quadro é complexo e heterogêneo, com uma grande diversidade lingüística e cultural, são mais de 40 idiomas e variantes, em adição ao russo, que se impôs na região do Cáucaso.

Outro grande desafio para a Rússia será solucionar a grave crise demográfica que o país enfrenta que está provocando um rápido declínio na população russa, o que poderá causar desequilíbrios étnicos e levar a reflexos em matéria de defesa.

Os fatores religiosos mostram que a coexistência na região de cristãos e muçulmanos é fonte de conflitos, como afirmou S. Huntington. Observa-se a ação crescente de grupos radicais islâmicos, principalmente ao norte do Cáucaso, particularmente entre os jovens. Obrigando a Rússia a manter uma forte presença militar e policial na região.

Percebe-se uma diversidade de atores externos com interesses na região, sendo os principais a Rússia e os Estados Unidos da América, mas destacamos também a Europa, o Irã, os países no entorno do Mar Cáspio e as empresas petrolíferas que estão investindo pesado na região.

O grande interesse geopolítico na região gira entorno das reservas de petróleo e gás, na área do Mar Cáspio, onde a Rússia busca o controle desse potencial econômico e político que para ela pode assumir o papel que o seu poderio militar exerceu na antiga URSS e, os EUA possuem um amplo plano chamado “Estrada da Seda”, que visa a por em execução a sua estratégia de contenção separando a Rússia instável de um Oriente fundamentalista e impedir as tentativas do Irã de difundir o sentimento anti-Estados Unidos na região.

Nesse sentido, identifica-se que este conflito sofreu uma forte influência da geopolítica clássica, onde observa-se de um lado, a Rússia adotando os conceitos de Mackinder e Haushofer sobre o poder terrestre buscando o controle da região do Cáucaso e todo o seu potencial político e energético e, do outro lado, os Estados Unidos da América aplicando a sua teoria geopolítica da contenção lançada por Kennan em 1947 e que busca limitar e conter o crescimento do poder russo na região da Eurásia.

REFERÊNCIAS

- FOSTER, Colin. Mar Cáspio: Um problema de escoamento. **Revista Brasileira de Tecnologia e Negócios de Petróleo, Petroquímica, Química fina, Gás e Indústria do plástico**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, p.20-24, jul./ago. 1999.
- HAROLD e Margaret Sprout in *British Sea Power in the Writings of Captain Alfred Thayer Mahan*, apud TOSTA, Octávio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro - RJ: Biblioteca do Exército, 1984.
- HUNTINGTON, Samuel P. **Choque das civilizações?** In: *Politica Externa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994 apud VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. São Paulo - SP: Contexto, 2000.
- JUDT, Tony. **Pós-guerra:** uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- MAGNOLI, Demétrio. Uma linha no mapa. **Jornal Estadão**, São Paulo, 21 ago. 2008. Disponível em:< <http://blogln.ning.com/profiles/blogs/2189391:BlogPost:15203>>. Acesso em: 31 jul. 2009.
- MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e modernidade:** geopolítica brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.
- OSWALD, Vivian. Após 18 anos, uma difícil relação entre vizinhos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1 fev. 2009. Caderno O Mundo, p. 36.
- PEREIRA, Carlos Alberto dos Santos. Rússia: a sombra do Exército Vermelho. **Revista Militar Portuguesa**, Lisboa, 01 jul. 2009. Disponível em:< <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=458>>. Acesso em: 31 jul. 2009.
- RATZEL, Friedrich – Leis do crescimento territorial do Estado: Geografia política, Berlim, 1897, apud MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e Modernidade:** geopolítica brasileira. Rio de Janeiro - RJ: Biblioteca do Exército, 2002.
- SCHURSTER, Karl e CHAVES, Daniel. Soberania Nacional no Pós-Guerra Fria: a Ossétia do Sul em questão. **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 20, Rio, 2008 . Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=4080> Acesso em: 31Jul. 2009.
- SILVEIRA, Fernando Malburg da. Confrontos na Federação Russa: o conflito Caucásico. **Revista Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro, v. 125, n. 07/09, p.99-105, jul./set. 2005.
- THE GEOPOLITICS of Russia: Permanent Struggle**. Disponível em : <http://www.stratfor.com/analysis/20081014_geopolitics_russia_permanent_struggle> . Acesso em: 02 ago. 2009.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **O século sombrio:** uma história geral do século XX.

Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. *A independência de Kosovo e o futuro do conceito de soberania nacional*. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, ano 2, n. 21, 2007. *apud* SCHURSTER, Karl e CHAVES, Daniel. **Soberania Nacional no Pós-Guerra Fria: a Ossétia do Sul em questão**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 3, Nº20, Rio, 2008. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=4080> Acesso em: 31Jul. 2009.

TOSTA, Octávio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. São Paulo: Contexto, 2000.

ANEXO A – FIGURA 1



FIGURA 1 – O mundo segundo Mackinder (1904)

Fonte: Mello, (1999, p. 49)

ANEXO B – FIGURA 2



FIGURA 2 – O mundo de Mackinder (1943)

Fonte: Mello, (1999, p. 67)

ANEXO C – FIGURA 3

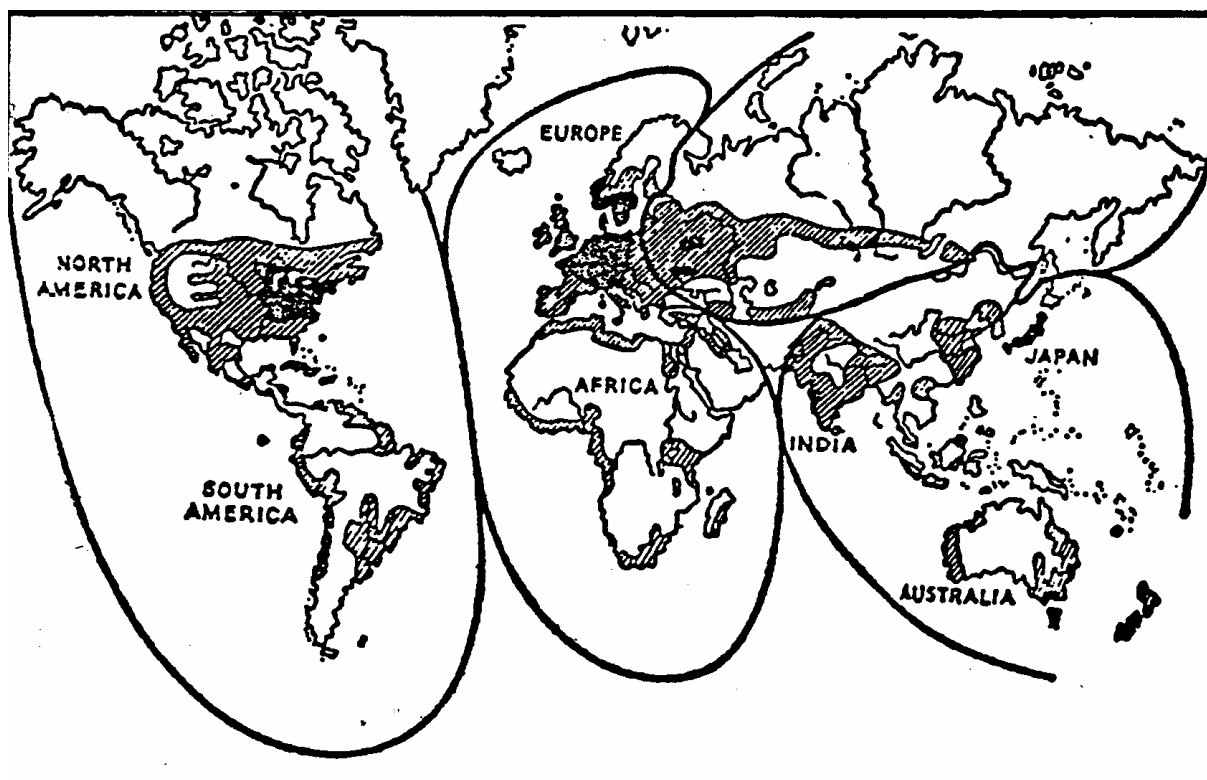


FIGURA 3 – O mundo segundo Haushofer (1931).

Fonte: Mello, (1999, p. 81).